



Livro “Um conto em seis palavras”¹

Caroline Evelyn de Almeida CAMPOS²

Patrícia Helena Rubens PALLU³

Luz Maria Teresa Romero SILVA⁴

Universidade Positivo - UP, Curitiba, PR

RESUMO

O livro “Um conto em seis palavras” é uma publicação trilingue, resultado da cooperação de alunos dos cursos de jornalismo, design e turismo da Universidade Positivo, que discute a brevidade na literatura e nas linguas modernas. O livro surgiu do estudo de um conto de seis palavras escrito por Ernest Hemingway e contém estudos sobre literatura breve em português, inglês e espanhol, além de contos escritos pelos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: conto; literatura; modernidade; Hemingway

1 INTRODUÇÃO

“For sale: baby shoes, never worn”. Essas poucas palavras, escritas há quase um século, deram origem ao livro “Um conto em seis palavras”. Conta a história que Ernest Hemingway (1899 – 1961), escritor e jornalista do início do século XX, foi desafiado por alguns amigos a contar uma história em seis palavras. Hemingway julgou o conto resultante da aposta sua obra prima. Como jornalista e como escritor, Hemingway sempre primou pela brevidade. O livro “O velho e o mar”, uma de suas obras mais famosas, tida como grande responsável pelo Prêmio Nobel de Literatura que o autor recebeu em 1954, é reconhecido pela escrita da qual não se pode tirar uma vírgula.

A apresentação da sexagésima edição do livro, escrita por Luiz Antonio Aguiar, fala dessa concisão.

“Ele dizia que uma das dificuldades da escrita era que, devido ao uso inadequado, as palavras haviam *perdido o gume*. Hemingway buscava uma prosa calcada na linguagem jornalística (ele começou a vida como repórter, aos 18 anos, no Star de Kansas City), sem *embelezamentos*, econômica e contundente, quase descritiva, baseada em verbos e substantivos e não em adjetivos ou no que considerava excessos emotivos.” (AGUIAR/HEMINGWAY, 2007)

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Produção Editorial, modalidade Edição de Livro.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: carol.elyn@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: patypalu@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: luzmaria_9@yahoo.com



A partir desse conto, a revista Wired, na edição de novembro de 2006, desafiou vários escritores a produzirem histórias em seis palavras. Com essa inspiração os alunos de Inglês e Espanhol também foram desafiados a escrever suas histórias, e mais, a refletir sobre as possibilidades idiomáticas de breves histórias. Como resultado temos o livro trilingue “Um conto em seis palavras”, produto da cooperação de alunos dos cursos de Jornalismo, Turismo e Design da Universidade Positivo.

2 OBJETIVO

Publicar um livro com a produção acadêmica de pequenos contos em português, inglês e espanhol, além de estudos sobre a diferença da brevidade em cada uma das línguas.

3 JUSTIFICATIVA

Um livro trilingue tem múltiplas possibilidades. As variadas formas de abordagem possíveis ao se trabalhar com línguas diferentes e as relações entre elas foram o primeiro grande desafio. Isso porque o livro deveria manter todo o tempo a brevidade que o tema exigia. Para conseguir essa adequação necessária ao tema, o livro teve igualmente a missão de buscar as expressões da sinteticidade, e suas possibilidades em diversas línguas e culturas.

O exercício da brevidade para os alunos de jornalismo é sempre primordial. A modernidade e a tecnologia aceleraram o tempo. Desde então, para que o jornalista continue no ritmo, sendo lido e acompanhado, ele precisa ser sucinto, conciso.

Edgar Allan Poe, grande escritor do século XVII já era partidário de uma literatura mais breve, como demonstra em sua Filosofia da Composição.

“Se uma obra literária é muito extensa para ser lida de uma só assentada, devemos resignar-nos a eliminar o efeito, soberanamente decisivo, da unidade de impressão; porque quando são necessárias duas assentadas, interpõem-se entre elas os assuntos do mundo, e o que chamamos de conjunto ou totalidade cai por terra. Mas, tendo em vista que, coeteris paribus, nenhum poeta pode renunciar a tudo o que contribui para que alcance seu propósito, é importante examinar se há na extensão alguma vantagem, qualquer que seja, que compense a perda da unidade. Respondo logo negativamente. O que chamamos de poema extenso nada mais é do que uma sucessão de poemas curtos, de efeitos poéticos breves. De nada nos serve demonstrar que um poema só o é quando eleva a alma e lhe traz uma excitação intensa: por uma necessidade psíquica, todas as excitações intensas são de curta duração. Por isso, pelo menos a metade do Paraíso Perdido não é mais que pura prosa: há nele uma série de excitações poéticas salpicadas inevitavelmente de depressões. A obra, por causa de sua extensão excessiva, carece daquele elemento artístico tão decisivamente importante: a totalidade ou a unidade de efeito. No que se refere às dimensões, há, evidentemente, um limite positivo para todas as obras literárias: o limite de uma só sessão(...) Esta regra só tem uma condição



restrita, a saber: que uma relativa duração é absolutamente indispensável para causar um efeito, qualquer que seja.” (POE, 1845)

Assim a grande descoberta na jornada do trabalho, principalmente na etapa de produção dos contos, foi que a concisão literária é um campo completamente diferente do que os alunos estavam acostumados a trilhar. O breve na literatura é diferente do breve no jornalismo.

No lead diário o jornalista tem um espaço reduzido, para passar uma quantidade finita de informações (frequentemente um quem fez o que, quando, como, onde e por que), e deve fazer isso de maneira completa, sem lacunas. A informação deve estar toda dada, e ser facilmente e igualmente compreendida por qualquer leitor.

Na literatura o leitor deve impor-se ao texto (para tanto o texto deve permitir que o leitor o faça). Nos pequenos contos e nas poesias em prosa, o significado vem todo do leitor. O texto está aberto, incompleto, precisa que o leitor lhe signifique, e permite que cada um o faça como quer ou pode. É o que considera Umberto Eco, ao trabalhar o conceito de leitor modelo, um leitor que saiba buscar significados, disposto a ”jogar” com o texto.

“(…) Algumas teorias da crítica contemporânea afirmam que a única leitura confiável de um texto é uma leitura equivocada, que a existência de um texto só é dada pela cadeia de respostas que evoca e que, como Todorov sugeriu maliciosamente (...) um texto é apenas um piquenique onde o autor entra com as palavras e os leitores com o sentido”. (ECO, 2002)

Ambas as formas de brevidade são complexas, exigem técnica, conhecimento, estudo e treino. E é muito válido a um jornalista que ele domine todas as formas de expressão que a linguagem permite.

Mas como a ênfase curricular vai toda para o jornalismo, trabalhos acadêmicos que ensinem a produção literária são necessários e proveitosos. Descobre-se nessa experiência a mágica da polissemia literária, que contrasta com o universo cheio de paredes do jornalismo. Como disse Ezra Pound em seu *Abc da Literatura* “Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o mais alto grau possível.” (POUND, 2005).

Encontram-se observações valiosas no estudo de Pound. Mas para explicar o uso de teoria de poesia no estudo de pequenos contos, é possível citar aqui Charles Baudelaire e seus “Pequenos poemas em prosa”:

“Os pequenos poemas em prosa são (...) antes de mais nada poemas, escritos utilizando aquela outra forma, a prosa, como veículo; da poesia guardam o inevitável específico da alta compressão de significado, e emprestam da prosa de *clarté* francesa seu desenho de nitidez, da exposição direta, quase sem ornamento.”(BAUDELAIRE, 2007)

Voltando ao Pound, ele explica o quanto a poesia concentra informação:



“Começo com a poesia porque é a mais condensada forma de expressão verbal. Basil Bunting, ao folhar um dicionário alemão-italiano, descobriu que a idéia de poesia como forma de concentração é quase tão velha como a língua germânica. "Dichten" é o verbo alemão correspondente ao substantivo "Dichtung", que significa "poesia", e o lexicógrafo traduziu-o pelo verbo italiano que significa "condensar"”(POUND, 2005)

A linguagem, principalmente a curta linguagem, mais do que feita e definida por formatos é determinante na palavra. Cada palavra, cada possibilidade de significação é decisiva nesse contexto.

"O bom escritor escolhe a palavra pelo seu "significado". Mas o significado não é algo tão definido e predeterminado como o movimento do cavalo ou do peão num tabuleiro de xadrez. Ele surge com raízes, como associações, e depende de como e quando a palavra é comumente usada ou de quando ela tenha sido usada brilhante ou memoravelmente. (...)Não há limite para o número de qualidades que algumas pessoas podem associar com uma dada palavra ou espécie de palavra, e muitas delas variam de individuo para individuo " (POUND, 2005)

Outra lição importante foi a poesia oriental que mais influenciou a literatura ocidental, o Haikai. Além de ter ganhado um espaço no livro devido a sua importância e síntese que tem relação com o tema, também ensinou lições importantes através do estudo que Paulo Leminski realizou, relacionando o haikai e a fotografia.

“(...)influência oriental em sua poesia, mostrando uma qualidade de sua síntese e eficácia. O haikai é uma forma originalmente japonesa de três versos. (...) Segundo Paulo Leminski, no texto “Click: zen e a arte da fotografia” (In: Anseios crípticos. Curitiba: Criar Edições, 1986), “o mundo que o haikai procura captar é um mundo objetivo, o mundo exterior. Um mundo de coisas onde o eu está quase sempre ausente, sujeito oculto, elidido. Mas não é um mundo morto, uma mera descrição. Por trás das objetividades do haikai, sempre pulsa (sem se anunciar) um Eu maior, aquele eu que deixa as coisas serem, não as sufoca com seus medos e desejo, um eu que quase se confunde com elas”. Isso porque, continua Leminski, o que o poeta faz por meio do haikai “é suspender os egoísmos da subjetividade para permitir que a realidade se transforme em significado”. Isso vai ao encontro do que Roland Barthes apresenta em A preparação do romance I – Da vida à obra (São Paulo: Martins Fontes, 2005): “[...] o haikai é o próprio sujeito, uma quintessência da subjetividade, mas não é o ‘autor’”, pois este se liberta da necessidade de autoria. Ou seja, trata-se, como ainda diz Leminski, de um “eclipse da retórica”, “uma unidade de informação quase pura, valorizando o “fragmentário e o ‘insignificante’, o aparentemente banal e o casual, sempre tentando extrair o máximo de significado do mínimo de material, em ultrasegundos de hiperinformação”.” (Revista IHU)

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para compor o livro foram feitas discussões em sala sobre o tema. Os alunos buscaram compreender os pequenos contos, como são criados e como funciona a relação do texto com o leitor, qual a responsabilidade deste com o texto, ao dar a ele um significado não necessariamente pré-existente. Mas, além disso, foi discutido dentro de cada disciplina a relação que a língua tem com o objeto. A lenda sobre como o inglês é mais conciso e o



espanhol muito prolixo foram testados e estudados, através de entrevistas, comparações e na posterior produção.

Verificou-se a validade de algumas das observações. O inglês facilita a brevidade dos autores. Isso foi constatado em textos, traduções do português para o inglês para comparação de caracteres e entrevistas com escritores com experiência na produção em ambas as línguas.

E o espanhol, apesar de uma tendência e facilidade prolixa, é capaz de ser sucinto, e desenvolveu muito esse potencial em sua produção moderna. Fato constatado através de estudos e também com entrevista realizada com especialista na área.

Depois destes estudos, entrevistas e testes feitos com a língua e a linguagem, os alunos foram desafiados a produzir.. Os contos poderiam ser em inglês, espanhol e também em português, todos obedecendo a regra das seis palavras. Os contos eleitos pelas professoras orientadoras foram publicados como o cumprimento do ponto alto do desafio.

Ao produzir o livro, os alunos exercitaram uma espécie de concisão jornalística, ao adequar seus estudos e entrevistas a uma forma que se adequasse na proposta de um livro minimalista. E ao escrever os contos, descobriram como é diferente a brevidade literária, que estabelece uma comunicação diferente entre autor, texto e leitor.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O design do livro é também grande responsável pelo seu efeito final. O projeto desenvolvido pela aluna de design Camila Lass Botelho, através do Escritório Experimental de Design da Universidade Positivo pretendia revolucionar a forma de leitura do livro. Assim como na literatura breve, presente em todo o livro, o leitor precisa infringir sua interpretação ao texto. A diagramação também pretendia dar um sentido diferente a cada página. E como cada uma tinha um significado, cada uma ganhou uma diagramação diferente.

Essa liberdade conferida pelo texto permitiu que a diagramação brincasse muito com todos os conteúdos. A tipografia é trabalhada de maneira diferente em cada contexto. As formas das caixas de texto são livres e sugerem o tema. As imagens também puderam ser desconstruídas e remodeladas para criarem o clima necessário.

A diagramação de um livro é a forma pela qual o leitor navega através do livro. Quando a diagramação é única, com o tempo ela é absorvida e se torna mecânica, tanto para o



designer quanto para o leitor. Em “Um conto em seis palavras” a diagramação se impõe todo o tempo, mudando a maneira pela qual o leitor navega no livro e desafiando a criatividade do designer. Assim a leitura muda constantemente de ritmo, e recebe um significado a mais que vem do próprio envólucro no qual o texto é apresentado.

Essa combinação só é possível e eficaz quando existe uma identificação de ambas as partes. O designer absorveu perfeitamente a ideia do produto, bem como os autores cederam as necessidades do design, criando um objeto que é um todo coerente.

- As especificações técnicas do livro são:
- Tamanho: 33 X 19,5 cm (caderno aberto) / 16,5 X 19,5 (caderno fechado)
- Número de páginas: 20 páginas
- Papel: Offset 120g
- Impressão/ número de cores: Offset 4X4
- Acabamento: lombada canoa com 2 grampos, um vinco.

6 CONSIDERAÇÕES

O livro foi um intenso exercício de olhar sobre a linguagem no contexto moderno. A produção de mini contos conduziu a um caminho que foi além da simples técnica redacional. O estudo e o exercício da brevidade mostrou um contexto muito amplo e atual que vai além de só economizar tempo, passa por uma nova forma de se comunicar.

Encontram-se exemplos dessa brevidade no cotidiano. Um dos mais recentes fenômenos da internet é o site Twitter. Uma forma de relacionamento em microblog que se baseia em comunicação breve. No site as pessoas devem passar toda a informação que desejam com no máximo 140 caracteres. É um exercício intenso de capacidade de síntese que milhões de pessoas têm realizado diariamente.

Testar e descobrir essa capacidade em outras formas de linguagem foi muito enriquecedor para todos os participantes do projeto. Para o exercício diário da profissão, para a capacidade de análise e síntese textual e para todas as forma de linguagem e expressão que os alunos desenvolverem em sua profissão, essa lição de brevidade será no mínimo transformadora.

REFERÊNCIAS

HEMINGWAY, Ernest. **O velho e o mar**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.



ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
POUND, Ezra. **Abc da literatura**. São Paulo, Cultrix, 2006.
BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa**. São Paulo, Hedra, 2007
ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2. ed.-. São Paulo, Perspectiva, 2002.
LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos**. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997
POE, Edgar Allan. **A Filosofia e da Composição**. 1985
Revista IHU Online. **Revista do instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em:
<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=993&idedit=21>. Acesso em: 08 abril 2010.